

OS ARRANJOS COMERCIAIS DE ARTEFATOS TRADICIONAIS NO SETOR AMANÃ – RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ

Thatyana de Souza Marques¹

RESUMO

A produção de objetos de uso com emprego de técnica tradicional ainda persiste nas comunidades ribeirinhas, apesar da inserção crescente de objetos industriais nas casas. Mas em geral, os objetos ainda presentes nestas comunidades não foram feitos pelos seus moradores e sim comprados de comerciantes no mercado local ou regional. De 19 localidades visitadas no Setor Amanã – Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã/AM cerca de 19 famílias se dedicam à atividade de produzir artefatos para venda como atividade econômica sistemática. Os arranjos comerciais encontrados para a venda de artefatos pelos artesãos do Setor Amanã são na maioria diretos ao consumidor, podendo ser entre comunitários da própria comunidade ou de comunidades bem próximas.

PALAVRAS-CHAVE: Comercialização de artefatos, Relações de parentesco

ABSTRACT

The production of objects for use employing traditional techniques still exists in riverine communities, despite the growing insertion of industrial objects in homes. But in general, the objects still present in such communities are not made by its residents, but bought from traders in local or regional markets. Of nineteen locations visited in the Amanã Sector - Sustainable Development Reserve of Amanã/AM - about nineteen families engage themselves in the production of artifacts for sale as a systematic economic activity. It was found that trade arrangements for the selling of artifacts by artisans of Amanã are mainly done in a straight-to-the-consumer basis, being either among families of the community or among nearby communities that usually keep a kin relationship among themselves.

KEYWORDS: Marketing of artifacts; Kinship relationships

¹ Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, AM. e.mail: thatyana@mamiraua.org.br

INTRODUÇÃO

A população da – RDS Amanã; Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã/AM; é de aproximadamente 3259 habitantes, distribuídos nos setores Coraci, São José, Amanã, Tijuaca e Boa União (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ, 2006). A população do Setor Amanã encontra-se distribuída em comunidades e casas isoladas dispersas ao longo das margens dos Lagos Amanã, Urini e Paraná do Amanã. As estratégias de sobrevivência destas populações envolvem combinações de diferentes atividades, como plantio, pesca e extrativismo de vários recursos naturais existentes na região, sendo influenciadas diretamente pela sazonalidade do ecossistema, pela área de uso dos moradores e pela distribuição dos recursos existentes no local onde vivem. Conforme Diegues (1994), não é simplesmente a natureza, as limitações geográfico-ambientais que motivam um tipo específico de exploração dos recursos naturais da floresta, mas sim as formas com que se configuram as relações sociais, suas racionalidades intencionais, seus objetivos de produção material e social. Desta forma, para enfrentar todos esses fatores, essas populações criam formas de organização social e econômica para viabilizar a extração das matérias-primas, a produção e a comercialização de seus produtos.

A extração de recursos florestais não madeireiros para a produção de artefatos que remetem a uma cultura tradicional, considerada

como atividade extrativista, já foi mencionada desde 1997 quando foi elaborada a proposta de criação da RDS Amanã (AMAZONAS (Estado), 1998). E em 1999, no relatório das atividades do Projeto Amanã foi mencionada também a extração de cipós em áreas de terra firme para a confecção de cestaria (AYRES; BEZERRA, 1999).

Em especial no Setor Amanã, durante o levantamento socioeconômico a atividade de confecção de artefato e sua comercialização apareceu como atividade geradora de renda para a composição da renda familiar somente em três comunidades - Monte Sinai, Belo Monte, e São José do Urini (MENDONÇA, 2007). Entretanto, no mesmo período, verificou-se em outra pesquisa que há na comunidade Boa Vista do Calafate uma produção de artefatos para serem utilizados durante as atividades econômicas de pesca e agricultura, como por exemplo cabos de machado, hastes para arpão e zagaia, arcos para uso com flechas e cacete para matar peixes; além da fabricação de canoas e remos (ARAÚJO, 2006).

De um modo geral, considera-se artefato os objetos usados cotidianamente por populações tradicionais, produzidos por elas mesmas com matérias-primas locais e feitos à mão, podendo ser comercializável com a mesma finalidade de uso. Enquanto artesanato são objetos voltados para o mercado podendo adquirir função decorativa (LIMA et al, 2006).

A maioria dos artefatos usados cotidianamente por populações tradicionais eram feitos localmente, através do domínio do

conhecimento entre o uso da matéria-prima e o domínio da técnica de fazer à mão. O ciclo de vida doméstico envolvia a necessidade do aprendizado da feitura manual de instrumentos de trabalho e utensílios domésticos. A transmissão dos conhecimentos se dava entre as gerações de uma mesma ou várias famílias, pois representava

“condição imprescindível para a manutenção da produtividade das famílias pois, sem os paneiros, peneiras de massa, talheres de pau, tupés, cabos de terçado, remos, canoas, etc, não havia como dar prosseguimento aos trabalhos. O aprendizado se dava por meio de uma observação atenciosa do trabalho dos mais antigos, ou mesmo por ensinamentos específicos de mães para filhas, pais para filhos, sogras para noras. Nesse sentido, tradicionalmente, a transmissão dos conhecimentos e técnicas tradicionais se dava por relações de parentesco e de trabalho doméstico cooperado” (LIMA et al, 2006)

A produção de objetos de uso com emprego de técnica tradicional ainda persiste nas comunidades ribeirinhas, apesar da inserção crescente de objetos industriais nas casas. Mas em geral, os objetos ainda presentes nestas comunidades não foram feitos pelos seus moradores e sim comprados de comerciantes no mercado local ou regional. Percebe-se que à medida que o poder aquisitivo das famílias aumenta, há uma diminuição dos objetos tradicionais em substituição dos industrializados, refletindo em certas famílias

uma diminuição do saber fazer à mão seus próprios utensílios (LIMA et al, 2006). Porém, determinados objetos como tipiti, algumas peneiras e os chapéus de palha exigem conhecimentos especializados, e não possuem substitutos no mercado devido suas qualidades funcionais. Além de serem objetos valorizados, tornaram-se mercadorias com uma demanda regular no mercado, ainda nos dias atuais.

É justamente nesse contexto, que se pretende analisar quais os arranjos comerciais ou estratégias de comercialização que algumas famílias que tem a atividade de confecção de artefatos com uso de técnicas tradicionais utilizam para vender seus produtos artesanais.

MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo deriva de uma pesquisa realizada pelo Programa de Artesanato do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá sobre a cadeia produtiva dos artesanatos e artefatos na Reserva Amanã. Para identificar famílias que produzem artefatos para consumo e venda, a coordenadora do programa Marília Sousa e a pesquisadora Thatyana Marques visitaram 19 localidades nos meses de julho e setembro de 2007, que foram: Boca do Juazinho, Santa Luzia do Juazinho, Boa Esperança, Santa Luzia do Baré, Bom Jesus do Baré, Sítio Bacaba Grande, Monte Ararate, Calafate, Monte Sinai, Vila Marajó, Santo Estevão, Igarapé do Caximbo, São José do Urini, Sítio Jacaré, Belo Monte, Vila Nova do Amanã, Bom Socorro, Nova Jerusalém e São Francisco do Acará Velho. Figura 1.

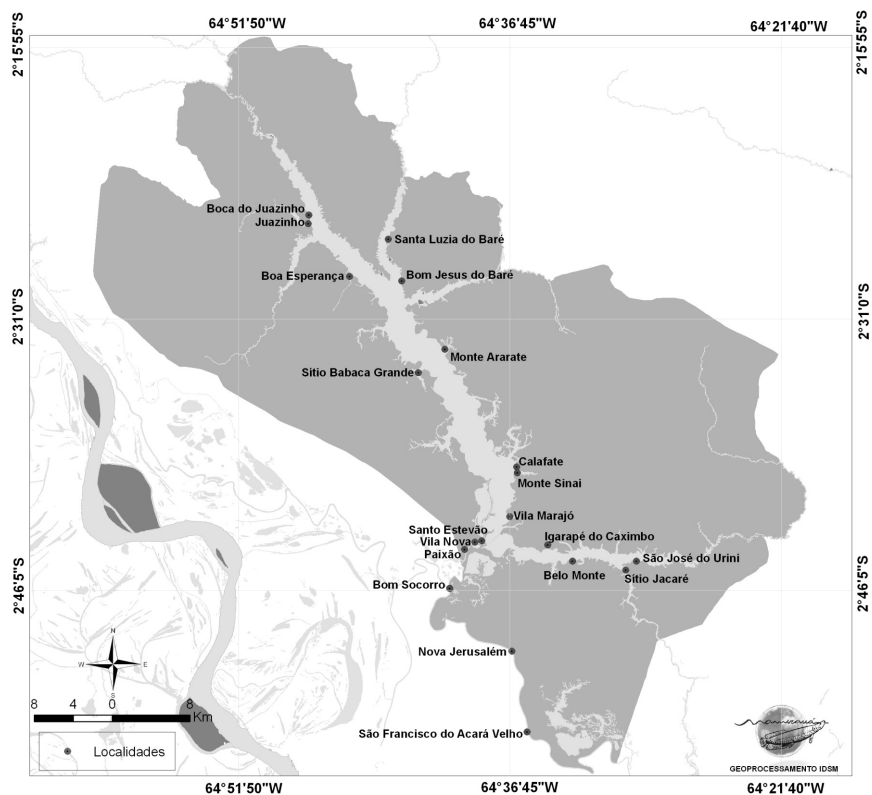


Figura 1 - Mapa das localidades visitadas durante o levantamento

Durante a visita nas comunidades, a equipe procurou identificar com os presidentes ou moradores antigos de cada uma das 19 localidades, além de outras informações, se ali naquele local havia famílias que comercializavam artefatos como peneira, tupés, vasilha de barro e outros. Pelo fato dos moradores não utilizarem a palavra artefato, preferiu-se utilizar os nomes dos próprios objetos para identificação. Após o levantamento, os dados foram organizados e uma análise foi realizada visando discutir as estratégias de comercialização de artefatos no Setor Amanã.

RESULTADOS

Somente em uma comunidade – Nova Jerusalém – foi identificada a produção de artesanatos feitos de material reciclado por três senhoras utilizando garrafa PET e sacos plásticos, talvez pelo fato de ser uma comunidade que recebeu durante um longo tempo ações de educação ambiental pelo IDSM.

Nas comunidades Santa Luzia do Juazinho, Bom Jesus do Baré, Monte Ararate, Monte Sinai, Vila Nova do Amanã, Bom Socorro e

São Francisco do Acará não há uma produção significativa de objetos tradicionais para venda. A produção de artefatos ocorre mais para consumo. Ocasionalmente, uma família que sabe fazer vende para os próprios vizinhos quando recebe encomenda de outra família que não tem tempo para produzir. Os objetos ainda produzidos são: vassoura de cipó-titica, peneira de arumã, paneiro de cipó ambé, canoa de itaúba, bacuri ou louro preto e remo de itaúba ou urucarana – produzido por poucos homens.

Em Santa Luzia do Baré, foi identificado também que as famílias fazem artefatos para consumo, mas um único rapaz produz para venda. Os seus três irmãos residem na comunidade, mas só ele resolveu fazer para vender, apesar de não gostar da atividade, por dizer que as pessoas sempre compram e o dinheiro ajuda nas despesas. Como prefere se dedicar a outras atividades, faz em média 2 paneiros a cada 2 meses. O mesmo ocorre em Nova Jerusalém onde quatro mulheres e um senhor produzem quando há encomenda dos comunitários das comunidades Nova Jerusalém e Acará.

Na comunidade Boa Vista do Calafate esta produção ora é para consumo ora para venda quando se cansam das atividades da roça. A família do Seu José da comunidade Boa Vista do Calafate faz quando realmente necessita, pois vive da agricultura. Sua família produz paneiro de cipó ambé, peneira e tupé de arumã, vassoura de cipó-titica que são vendidos para comunitários ou para um comerciante que possui uma barraca na feira municipal de Tefé – seu Oracide — quando vem à cidade receber a aposentadoria ou comprar rancho.

Na localidade Sítio Jacaré, próximo a Comunidade de São José do Urini, há apenas uma família que se dedica a produção de vassouras, peneiras e paneiros para serem vendidos em na feira municipal de Tefé ao seu Oracide ou à D. Fátima (SOUSA, 2008).

A produção de artefatos de barro da comunidade São José do Urini é bem conhecida no Setor, porém neste ano de 2007 ela está parada devido a problemas familiares das famílias. A única mulher que se mostrou interessada a continuar, após a amamentação do filho pequeno, é Dona Ana. Ela produz vassouras de cipó-titica; peneira, balaio e tupé de arumã, e de barro faz vários utensílios como fogareiro, alguidar, assadeira, etc. Sua produção também se destina às comunidades próximas, e a Tefé quando vai comprar rancho.

Na comunidade Boa Esperança as famílias entrevistadas relataram que ainda dominam a técnica de fazer vassoura de cipó-titica e peneira de arumã, porém preferem comprar os objetos utilizados na atividade agrícola de outras comunidades, como por exemplo, o paneiro para carregar a macaxeira. Por ser uma comunidade voltada principalmente para agricultura, o tempo despendido para coleta, beneficiamento e produção de objetos para realização de tal atividade econômica não compensa, segundo relatos das famílias. As famílias compram tais objetos principalmente do Seu Avelino (Sítio Bacaba Grande).

Em um sítio próximo a comunidade Boa Esperança – Boca do Juazinho - há uma única família que reside no local e que produz artefatos para venda. A dona da casa, Maria Senira da Silva Braga produz paneiro de cipó

ambé, peneira de arumã, vassoura, cesta de cipó-titica e tupé de arumã mole. Hoje, Senira possui 5 filhos ainda pequenos, por isso há uma necessidade dela organizar o seu tempo em ir para as atividades da roça e fazer artefatos para vender. Uma das formas de ter tempo para ainda fazer objetos tradicionais é receber do comprador as matérias-primas necessárias para a feitura do objeto, ou seja, coletadas pelo interessado em adquirir tal objeto. Sua produção é comercializada principalmente para Boa Esperança, onde há parentes, que preferem adquirir paneiros de diversos tamanhos. Mas, no início da sua produção, a uns 10 anos atrás quando ainda não tinha filhos, seu pai – Natanael da Silva Braga, conhecido como Rufino – levava para Tefé sua produção em troca de mercadorias. E quando se casou com Nonato, no início sua produção era comercializada para o comerciante Edílson, da comunidade Santo Estevão, que revendia em Tefé.

A produção de artefatos para venda confere a mulher certa visibilidade dentro do grupo doméstico, uma vez que ela passa a ter poder de compra. Porém, o que foi relatado é que o dinheiro ganho com a comercialização dos artefatos é guardado pelo marido, juntado com as outras vendas e utilizado para a compra de gasolina ou algum item para a casa – sem a necessidade de se comprar fiado. Maria Senira produz apenas quando tem encomenda, porque diz que desta forma já sabe para onde vai seu produto. E como tem filhos ainda pequenos, o tempo que sobra para produção de artefatos é bem restrito, podendo só produzir nas suas folgas do trabalho da roça:

“eu quando não tenho roça para capinar vou fazer peneira que encomendam, né aí eu aproveito aqueles dias de folga até começar a capinação de novo”

No Sítio Bacaba Grande, há também uma única casa onde residem 2 pessoas – pai e filho. O pai, Francisco Rodrigues de Freitas é o Seu Avelino relatado na comunidade Boa Esperança. Um homem de 61 anos, que após uma operação, não possuindo aposentadoria ou outra fonte de renda, resolveu se dedicar à produção de artefatos tradicionais por não poder trabalhar mais na roça. Conforme seu relato, o que o sustenta é de fato a produção de artefatos.

“é o que sempre ta agüentando nós aqui, é isso. Eu faço remo, faço um paneiro, faço 2, 3, 4, 5, e levo, vendo, pego aquele dinheiro né, e compro nosso ranchozinho Quando ta faltando já tem encomenda de novo. Eu levo, às vezes tem um vintezinho, vou, compro - sei que para nós graças a Deus não falta nada não”

Ele sabe fazer remo de madeira itaúba, paneiro de cipó-ambé, cabo para terçado de itaúba, vassoura de cipó-titica pintada com tinta de tariri ou crajirú, canoa de itaúba e bacuri, além de objetos utilizados durante a pesca, como flecha de abacatirana ou itaúba (tipos de

madeira) para colocar a zagaia - instrumento de pesca feito de metal localizado na ponta da flecha para arpar o peixe. Seu Avelino recebe encomendas de diversos objetos de uso, principalmente paneiros da comunidade Boa Esperança. Apesar dele vender sua produção diretamente ao comunitário e receber no mesmo momento em dinheiro, seu Avelino recorre aos patrões Edílson, da comunidade Santo Estevão, ou Estevão, da Bacabinha para adquirir as mercadorias que necessitam para seu dia-a-dia. Tanto o Estevão quanto o Edílson não compram os artefatos produzidos pelo seu Avelino, preferindo apenas a produção da castanha ou farinha como forma de pagamento.

Cerca de 6 famílias da comunidade Belo Monte fazem artefatos de fibras vegetais como paneiro de cipó-ambé, peneira de arumã, vassoura de cipó-titica e tupé para serem vendidos à Dona Valdivina Marques da Silva, que é parente para quase todas estas famílias. Como Dona Valdivina vai todo mês a Tefé receber a aposentadoria, ela revende a produção das mulheres e em troca traz mercadorias - basicamente rancho. Em outros tempos, o patrão destas famílias era seu Raimundão, que recebia os paneiros como forma de pagamento das mercadorias que as famílias necessitavam.

Num isolado próximo a comunidade Belo Monte, conhecido como Igarapé do Caximbo, a “troca” de paneiros por mercadorias também ocorre. Lá existe uma única casa, onde marido, mulher e 7 filhos vivem. Seu Alberto Lima, um homem de 49 anos, e sua família desperta interesse nos comunitários do Setor Amanã devido às habilidades artesanais que

possuem, sendo relatados em quase todas as comunidades visitadas durante o diagnóstico. Os produtos do seu Alberto são: paneiro de tala de ambé, podendo ter teçume de tala voltada, olhudo, arurana ou tucum nariga; peneira de arumã; vassoura; remo de itaúba e canoa. Além destes produtos citados, sua esposa e filhas fazem de arumã, balaio; de ambé fazem pote, fruteira, chapéu, panela em miniatura, abano e cesto; de barro produzem fogareiro, panela e assadeira. Esta diversidade de produtos é confeccionada ao longo do ano de acordo com a disponibilidade e acesso à matéria-prima. Como não são freqüentes as idas à cidade, eles se organizam para vender sua produção artesanal para comunitários, professores, mas principalmente a produção do seu Alberto vai para José Calazas da Silva – chamado por “seu Calazas” da localidade Vila Marajó - que os revende em Tefé da mesma forma que Dona Valdivina.

Vale destacar, que foi citado durante a pesquisa de campo que o valor de um paneiro equivale a 10 litros de farinha, ou seja, a “moeda” que proporciona a aquisição de mercadorias nestes casos é a farinha.

DISCUSSÃO

Das 19 localidades visitadas do Setor Amanã com cerca de 206 famílias residindo nestas, há em 9 (Santa Luzia do Baré, Nova Jerusalém, Boa Vista do Calafate, São José do Urini, Boca do Juazinho, Sítio Bacaba Grande, Belo Monte, Igarapé do Caximbo, Sítio Jacaré) cerca de 19 famílias que se dedicam à atividade de confecção de artefatos, com uso de técnicas

tradicionais, mais para comercialização. O que não quer dizer que as demais não produzem, apenas gostaria de enfatizar que as demais famílias destinam sua produção mais para o próprio consumo. Para estas famílias que comercializam artefatos, a atividade ocorre ao longo do ano e influencia o poder de compra, principalmente no que se refere ao consumo de itens alimentícios.

Os artefatos mais relatados durante o diagnóstico que ainda são comercializados são as peneiras de arumã (*Ischnosiphon* spp), os paneiros de cipó ambé (*Philodendron* spp), as vassouras de cipó-titica (*Heteropsis* spp) e os remos de madeira itaúba. O paneiro – objeto tradicional utilizado principalmente durante a atividade agrícola para transportar macaxeira e armazenar a farinha – tem uma durabilidade de 3 meses. E sendo o Setor Amanã com forte característica agrícola, produzindo e consumindo grande quantidade de farinha, a importância do paneiro como objeto tradicional tende a resistir nos dias atuais.

Os arranjos comerciais encontrados para a venda de artefatos pelos artesãos do Setor Amanã são na maioria diretos ao consumidor, podendo ser entre comunitários da própria comunidade ou de comunidades vizinhas. Há por parte dos artesãos do Setor Amanã uma procura por relações duradouras, como questão de confiança, que assegure a atividade artesanal como geradora de renda. Para que a comercialização de produtos funcione, seja produto agrícola ou artesanal, é desejável que a unidade doméstica crie laços sociais com o mundo exterior - e segurança na hora de

comercializar é uma característica importante deste tipo de sistema (BELSHAW, 1968). Mas, é precisamente no contato com o mundo exterior, que se tornam visíveis às relações existentes dentro da família (HEREDIA, 1979), mesmo que um parente more em uma outra comunidade.

A precariedade dos meios de transporte na região do Setor Amanã faz com que surjam atores sociais que articulam o mundo rural com o urbano, possibilitando a aquisição de produtos que possam satisfazer as necessidades de consumo individual ou produtivo. A distância geográfica gera um alto custo para as famílias, e a vinda para a cidade de Tefé ocorre geralmente por motivo de doença ou para receber benefícios sociais (bolsa escola, auxílio doença, aposentadoria, etc).

Os patrões, assim chamados pelas famílias, viabilizam o escoamento da produção uma vez que as famílias não têm como se deslocar até a cidade para revender seu produto. Em tempos difíceis, pessoas como Dona Valdivina e seu Calazas funcionam como intermediários (mas chamados pelas famílias de patrões) à medida que compram os artefatos para revender na cidade de Tefé ou para outros comunitários, e fazem o pagamento na maioria das vezes em forma de rancho – termo local usado para designar produtos alimentícios - que fazem com que as necessidades de consumo das famílias sejam atingidas de imediato. Desta forma, as distâncias do lugar da produção em relação ao lugar da venda, determinam as posições sociais e a natureza dos fluxos de comercialização (FRAXE, 2000).

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS (Estado). **Decreto nº 19.021, de 04 de agosto de 1998. Cria a Unidade de Conservação denominada Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – RDS, e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.ipaam.br/legislacao.html>. Acesso em: 3 de ago. de 2008.
- ARAÚJO, J. S. **Organização da produção e comercialização de produtos da Reserva Amanã relatório.** Tefé: IDSM, 2006. 50p.
- AYRES, J. M.; BEZERRA, N. P. **Relatório anual: atividades do projeto Amanã.** Tefé: IDSM, 1999. 141p.
- BELSHAW, C. S. **Troca tradicional e mercado moderno: modernização de sociedades tradicionais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 180p.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** Antonio Carlos Diegues. São Paulo: NUPAUB – Universidade de São Paulo, 1994. 163p.
- FRAXE, T. J. P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas.** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000. 192p.
- HEREDIA, B. M. A. 1979. **A Morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil.** Paz e Terra, 1979. 164p.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ. **Censo demográfico RDSA: 2006.** Tefé: IDSM, 2006. (Documento interno não-publicado e não paginado).
- LIMA, D. et al. **Artesanato e identidade cultural no Médio Solimões: a promoção de técnicas e conhecimentos tradicionais em comunidades ribeirinhas das reservas mamirauá e amanã.** Tefé: IDSM; Belo Horizonte: IPHAN, 2006. 266p.
- MENDONÇA, M. R. **Levantamento socioeconômico de comunidades nas RDS Mamirauá e Amanã para o manejo sustentável de peixes ornamentais. Relatório parcial.** Tefé: IDSM, 2007. 115p.
- SOUSA, M. **Relatório do diagnóstico da produção de artefatos e artesanatos no setor Amanã- RDSA.** Tefé: IDSM, 2008. 38p.

